Click to prove you're human

Jubileu 2025: peregrinos da esperança

No dia 24 de dezembro, véspera de Natal, o Papa abrirá a Porta Santa que dará início ao Jubileu da Esperança. Francisco convida todo o povo de Deus a rezar, a se preparar ao longo deste ano, “para que este Jubileu nos fortaleça na fé, ajudando-nos a reconhecer Cristo ressuscitado em nossas vidas, e nos transforme em peregrinos da esperança cristã”, disse o Pontífice no vídeo para as intenções de oração para o mês de dezembro). O Ano Jubilar de 2025 será um Ano Santo Ordinário, proclamado pela Igreja Católica como um tempo especial de graça, reconciliação e renovação espiritual. O tema escolhido pelo Papa Francisco para este Jubileu é “Peregrinos de Esperança”, destacando a importância de viver e testemunhar a esperança cristã em um mundo muitas vezes marcado por desafios e incertezas. Na Bula de proclamação do Jubileu o Santo Padre diz: “A esperança nasce do amor e funda-se no amor que brota do Coração de Jesus trespassado na cruz: «Se de fato, quando éramos inimigos de Deus, fomos reconciliados com Ele pela morte de seu Filho, com muito mais razão, uma vez reconciliados, havemos de ser salvos pela sua vida” (Rm5, 10). E a sua vida manifesta-se na nossa vida de fé, que começa com o Batismo, desenvolve-se na docilidade à graça de Deus e é por isso animada pela esperança, sempre renovada e tornada inabalável pela ação do Espírito Santo. Na verdade, é o Espírito Santo, com a sua presença perene no caminho da Igreja, que irradia nos crentes a luz da esperança: mantém-na acesa como uma tocha que nunca se apaga, para dar apoio e vigor à nossa vida. Com efeito a esperança cristã não engana nem desilude, porque está fundada na certeza de que nada e ninguém poderá jamais separar-nos do amor divino: ‘Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada? (…) Mas em tudo isso saímos mais do que vencedores graças Àquele que nos amou. Estou convencido de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos nem os principados, nem o presente nem o futuro, nem as potestades, nem a altura nem o abismo, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Senhor nosso» (Rm8, 35.37-39). Por isso mesmo esta esperança não cede nas dificuldades: funda-se na fé e é alimentada pela caridade, permitindo assim avançar na vida. A propósito escreve Santo Agostinho: ‘Em qualquer modo de vida, não se pode passar sem estas três propensões da alma: crer, esperar, amar’”. Compreendendo o sentido do Jubileu A palavra “jubileu” tem origem relacionada historicamente ao nome em hebraico yobel, o chifre de carneiro que era usado para marcar o início do ano particular que era convocado a cada 50 anos, como contado no livro do Levítico (cf. Lv 25, 8-13). Segundo o site da CNBB, esse ano era o ano “extra” vivido além das sete semanas de anos. Sua proposta no Antigo Testamento era ser ocasião para restabelecer uma correta relação com Deus, entre as pessoas e com a criação, e implicava a remissão de dívidas, a restituição de terrenos arrendados e o repouso da terra. Na história do povo de Israel, o som de um chifre de carneiro chamado yobel – do qual se origina o termo “jubileu” – ecoava em todas as aldeias, anunciando o início de um ano especial, de acordo com as disposições da Lei de Moisés (cf. Lv 25). Na Igreja Católica, o primeiro Jubileu foi convocado pelo Papa Bonifácio VIII, no ano 1300. Tradição que se estende até agora, os jubileus têm vários elementos que se relacionam, sendo eles: a bula de convocação; a temporalidade (a cada 100 anos, 50 anos, 33 anos e 25 anos); a peregrinação a Roma e à Porta Santa; os exercícios de piedade e a frequência aos sacramentos; as indulgências. De acordo com o site Vatican News, o ano jubilar era um tempo de redenção e renascimento, marcado por certas escolhas com um forte caráter simbólico, que são de uma atualidade desarmante: o descanso do cultivo da terra, para nos lembrar que ninguém a possui e pode explorá-la, porque ela pertence a Deus e nos é oferecida por Ele como um dom a ser custodiado; a remissão das dívidas, que visava restabelecer ciclicamente, portanto a cada 50 anos, uma justiça social contra as desigualdades; a libertação dos escravos, para cultivar o sonho de uma comunidade humana livre de prevaricações e discriminações, mais semelhante ao povo do êxodo, que Deus havia desejado como uma única família em caminho. Um caminho no sinal da esperança No início de sua pregação, na Sinagoga de Nazaré, Jesus retoma esse horizonte judaico do Jubileu, dando-lhe um novo e último significado: Ele mesmo é o rosto de Deus que desceu à terra para redimir os pobres e libertar os cativos, para manifestar a compaixão do Pai para com aqueles que estão feridos, caídos ou sem esperança. Jesus, de fato, vem para libertar de toda escravidão, para abrir os olhos dos cegos, para libertar os oprimidos (cf. Lc 4,18-19). Em tal programa messiânico, o Jubileu se expande para abranger todas as formas de opressão na vida humana, tornando-se assim uma ocasião de graça para a libertação daqueles que se encontram na prisão do pecado, da resignação e do desespero, para a cura de toda cegueira interior que não nos permite encontrar Deus e ver o próximo, para despertar novamente a alegria do encontro com o Senhor e, assim, poder retomar o caminho da vida no sinal da esperança. Redescobrir a alegria do encontro com Jesus Com esse espírito, desde 1300, com a Bula do Papa Bonifácio VIII, milhões de peregrinos dirigem-se a Roma, às basílicas e às Portas Santas, expressando o desejo de um caminho interior de renovação, para que sua vida cotidiana, mesmo com as dificuldades e as fadigas, possa ser novamente compreendida e sustentada pela esperança do Evangelho. Pois todos eles carregam em seus corações uma sede insaciável de felicidade e de vida plena e, diante da imprevisibilidade do futuro, alimentam a esperança de não sucumbir à desconfiança, ao ceticismo e à morte. E Cristo, nossa esperança, vem ao encontro da chama desse anseio que habita em nós, convidando-nos a redescobrir a alegria do encontro com Ele, que transforma e renova a existência. Portanto, “é claro que a vida cristã é um caminho, que também precisa de momentos fortes para alimentar e robustecer a esperança, a companheira insubstituível que permite vislumbrar a meta: o encontro com o Senhor Jesus” (Spes non confundit, nº 5). Indulgências Texto publicado no Jornal O São Paulo, explica que uma das grandes riquezas vivenciadas em um Ano Santo é a oportunidade de obter indulgências plenárias. A indulgência é a remissão, diante de Deus, da pena temporal ocasionada pelos pecados. Mesmo após a Confissão, quando a culpa do fiel é perdoada por este sacramento, as consequências do pecado permanecem e é por meio das indulgências que elas são apagadas. As indulgências, parciais ou plenárias, podem ser aplicadas para si mesmo ou para alguma alma no Purgatório. “Todos os fiéis verdadeiramente arrependidos, excluindo qualquer apego ao pecado e movidos por um espírito de caridade, e que, no decurso do Ano Santo, purificados pelo sacramento da Penitência e revigorados pela Sagrada Comunhão, rezem segundo as intenções do Sumo Pontífice, poderão obter do tesouro da Igreja pleníssima Indulgência, remissão e perdão dos seus pecados, que se pode aplicar às almas do Purgatório sob a forma de sufrágio”, enfatiza o documento da Penitenciaria Apostólica sobre a concessão de indulgências no Jubileu. Fiéis de todo o mundo poderão obter as indulgências tanto nas peregrinações a Roma, onde estarão as portas santas, quanto nas peregrinações a catedrais e igrejas locais de peregrinação. As formas de alcançar as indulgências estão organizadas em três pontos: nas sagradas peregrinações; nas piedosas visitas aos lugares sagrados; e nas obras de misericórdia e de penitência. Que possamos viver o Ano Santo na esperança de que nossa missão no seguimento de Jesus Cristo será sempre para promover o amor, a paz e a fraternidade. Adriana Rabelo Fontes: Jornal O São Paulo, edição 3528 O jubileu é o nome dado a um ano particular de celebração de uma ocasião especial, como o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, celebrado ordinariamente a cada 25 anos. O tema escolhido pelo Papa Francisco para o Jubileu de 2025 é “Peregrinos da Esperança”. A peregrinação a igrejas jubilares é um dos principais sinais do Ano Santo. A palavra “peregrinar” tem origem na expressão latina para ager, que significa “através dos campos”, ou para eger, que significa “travessia de fronteira”. Ambas as raízes lembram o aspecto distinto de embarcar em uma jornada. A peregrinação é uma experiência de conversão, de mudar a vida para direcioná-la para a santidade de Deus. Como afirmou o Santo Padre, na bula pontifícia do próximo Jubileu, as igrejas jubilares poderão ser “oásis de espiritualidade nos quais será possível restaurar o caminho da fé e matar a sede nas fontes da esperança, a começar pelo sacramento da Reconciliação, ponto de partida insubstituível de um verdadeiro caminho de conversão”. Em carta enviada aos clérigos, religiosos e demais fiéis da Arquidiocese de São Paulo na segunda-feira, 23, o Cardeal Odilo Pedro Scherer explicou como se dará celebração do Jubileu de 2025 em São Paulo. O Arcebispo Metropolitano recomenda a todos a leitura da Bula de promulgação o Jubileu Spes non confundit (“A Esperança não desilude”), que expõe os motivos da escolha do tema do Jubileu. “O mundo carece de esperança e a Igreja recebeu o dom inestimável do Evangelho da Esperança para ser comunicado a todos. A Bula explicita como esse tema pode ser trabalhado, celebrado e testemunhado ao longo do Ano Jubilar”, afirmou o Arcebispo. O Cardeal recordou, ainda, que o Santo Padre pede que o Jubileu não seja celebrado apenas em Roma, mas também nas Igrejas locais e em cada diocese do mundo. O Papa iniciará o Jubileu, com o rito de abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro, na noite do Natal de 2024. O encerramento será celebrado no dia 28 de dezembro de 2025. No dia 29 de dezembro deste ano, festa da Sagrada Família, o início do Jubileu será celebrado na Catedral de cada diocese, pelo bispo diocesano, com o seu clero, religiosos e leigos. “Para nós, em São Paulo, a celebração será às 15h do dia 29 de dezembro, em nossa Catedral”, informou o Cardeal, explicando que, neste Jubileu, o rito da Porta Santa será feito unicamente em Roma, pelo Papa. Ao longo de 2025, deverão acontecer em cada diocese as iniciativas do Jubileu, propostas na Bula papal, envolvendo as paróquias, comunidades religiosas, associações de fiéis, pastorais e outras organizações e expressões de vida eclesial e social. Conforme dispôs o Papa Francisco na bula de proclamação do Jubileu, Spes non confundit, além das quatro basílicas maiores romanas (São Pedro, São Paulo, Santa Maria Maior e São João do Latrão), nas quais serão abertas as portas santas jubilares, outras igrejas em todo mundo, especialmente as catedrais, basílicas menores, santuários e demais templos designados pelos bispos diocesanos, serão destino de peregrinação dos fiéis, por meio da qual poderão obter indulgências no período de 29 de dezembro de 2024 a 28 de dezembro de 2025. A indulgência plenária é a remissão, diante de Deus, da pena temporal devida aos pecados já perdoados quanto à culpa que o fiel, devidamente disposto e em certas e determinadas condições (confissão sacramental, comunhão eucarística e oração nas intenções do Papa e peregrinações), alcança por meio da Igreja. Na Arquidiocese, haverá duas igrejas de peregrinação jubilar em cada região episcopal: 1. Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Assunção (Sé);2. Santuário Nossa Senhora de Fátima, no Sumaré (Sé); 3. Santuário São Judas Tadeu, no Jabaquara (Ipiranga);4. Santuário Nossa Senhora Aparecida (Ipiranga); 5. Basílica Menor de Sant’Ana (Santana);6. Santuário Nossa Senhora da Salete (Santana); 7. Igreja Nossa Senhora da Lapa (Lapa);8. Igreja Nossa Senhora de Fátima, na Vila Leopoldina (Lapa); 9. Igreja São José do Belém (Belém);10. Igreja Nossa Senhora de Fátima e São Roque, em Sapopemba (Belém); 11. Igreja Nossa Senhora da Expectação, na Freguesia do Ó (Brasilândia);12. Santuário Nossa Senhora Mãe e Rainha, no Jaraguá (Brasilândia). Na Arquidiocese, haverá 12 igrejas de peregrinação jubilar. “Nessas igrejas, os peregrinos serão acolhidos e poderão participar da celebração dos Sacramentos da Penitência, e da Missa, ou da celebrações da Palavra de Deus e também poderão receber a graça da indulgência do Jubileu”, detalhou o Arcebispo, sublinhando que cada paróquia também deverá preparar os seus peregrinos, “promovendo abundantes celebrações do Sacramento da Penitência ao longo do ano”. A íntegra da carta, com as informações sobre as igrejas de peregrinação e os membros da Comissão Arquidiocesana do Jubileu 2025, pode ser acessada neste link. Para mais informações, acesse o site oficial do Jubileu 2025. Na sua mensagem para o 61º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, sob o tema "Chamados a semear a esperança e a construir a paz", o Papa Francisco dirige-se a todos os fiéis exortando-os a aproveitar o momento favorável deste Ano de Oração, em preparação para o Jubileu, para redescobrirem a sua vocação e serem peregrinos da esperança e construtores da paz. «No momento histórico presente, o caminho comum conduz-nos para o Ano Jubilar de 2025. Caminhamos como peregrinos de esperança rumo ao Ano Santo, para, na descoberta da própria vocação e pondo em relação os diversos dons do Espírito, podermos ser no mundo portadores e testemunhas do sonho de Jesus: formar uma só família, unida no amor de Deus e interligada pelo vínculo da caridade, da partilha e da fraternidade», disse o Papa. «Neste ano de 2024, dedicado precisamente à oração como preparação para o Jubileu, somos chamados a descobrir o dom inestimável de poder dialogar com o Senhor, de coração a coração, tornando-nos assim peregrinos de esperança, porque “a oração é a primeira força da esperança. Tu rezas e a esperança cresce, avança. Diria que a oração abre a porta à esperança. A esperança existe, mas com a minha oração abro a porta” (Francisco, Catequese, 20/V/2020)». Para nós cristãos, diz o Papa Francisco, é necessário cultivar um olhar cheio de esperança. Apesar dos fracassos e das contrariedades, de facto, «estamos em caminho à descoberta do amor de Deus e, ao mesmo tempo, à descoberta de nós mesmos». Por isso, ninguém deve sentir-se excluído deste apelo, cada um deve ter a coragem de se pôr em jogo, cuidando dos que o rodeiam e do ambiente em que vive. «Levantemo-nos, pois, e ponhamo-nos a caminho como peregrinos de esperança, para que também nós, como fez Maria com Santa Isabel, possamos comunicar boas-novas de alegria, gerar vida nova e ser artesãos de fraternidade e de paz». Com o passar do tempo sobre o desaparecimento do Papa Francisco vamos, todos, crentes e não crentes, sentindo mais a ausência da sua voz. Compreensivelmente aqueles que têm no Papa o líder da sua igreja darão especial importância à dimensão teológica da sua mensagem, enquanto outros, como é o meu caso, tenderão a valorizar a dimensão temporal da sua mensagem. E se Francisco já nos tinha convocado a todos, crentes e não crentes, ao publicar, em 2020, a encíclica Fratelli Tutti, o que agora quero recordar é o apelo contido na sua mensagem do último Natal.A 25 de Dezembro passado, Francisco qualificou-se, bem como aos católicos, como peregrinos da esperança, assim convocando todos para o futuro e sobretudo significando, a meu ver, que o futuro pode ser melhor se todos nisso nos empenharmos.Mas, nessa sua última mensagem de Natal, Francisco fez também um apelo sobre o qual importa reflectir: “que o Jubileu seja uma ocasião para perdoar as dívidas, sobretudo as que oneram os países mais pobres”.Sabemos todos que a dimensão do que foi dito vai muito para além da sua literalidade. Chama a atenção do mundo, dos vários mundos, para desigualdades que tenderão a perpetuar-se e a agravar-se.Francisco sabia muito bem do que estava a falar. Basta atentarmos que em 2020 nos seis maiores devedores do mundo, em percentagem do PIB, estavam o Sudão, a Eritreia, o Líbano e Cabo Verde.Certamente que todos sabemos que entre o pagamento de juros e as necessárias amortizações, muitos não terão condições para se livrarem, ou, pelo menos atenuarem, o garrote da dívida. Estamos perante o dilema entre a pobreza extrema e a fome absoluta.Há, de facto, um caminho para o acentuar das desigualdades que urge contrariar. Vivemos num mundo em que 1% da população tem 50% da riqueza e 99% tem os restantes 50% (Le Point ,nº2746, de 13/3/25).Vivemos num mundo em que o homem mais rico do mundo tem uma fortuna correspondente a vez e meia o PIB português.Vivemos num mundo em que um dos homens mais ricos vai doar para apoio aos que mais precisam o equivalente ao PIB português.Vivemos num mundo que se ordenasse na mesma lista o PIB dos países e as grandes fortunas individuais, se confrontaria com países da União Europeia a ficarem ordenados atrás das cinco maiores fortunas do mundo. Vejam-se, a titulo de exemplo, os casos da Eslováquia ou da Croácia.Todos sabemos que vivemos num mundo desigual e que certamente viveremos sempre. Mas, não será possível ter a esperança que a riqueza seja mais bem distribuída? Esta terá sido uma das mensagens de Francisco para a humanidade.A esta mensagem de Francisco veio, agora, o Papa Leão XIV acrescentar a mensagem da paz e da necessidade de “construirmos pontes entre todos”.Continuamos a ter um Papa que descende de imigrantes e que conheceu “o outro lado da vida”, o lado das dificuldades, das privações e das violências. A humanidade precisa, cada vez mais, de mensagens fortes que nos tragam a paz e a fraternidade.Vamos continuar a ter esperança.Advogado e gestor Por Jornal | 19/05/2025 A Diocese de Barretos, juntamente com toda Igreja Universal, está vivendo a celebração do Ano Jubilar da Esperança, um período dedicado a aprofundar a graça, o perdão e a misericórdia de Deus pela ocasião da celebração dos 2025 anos da encarnação de Jesus Cristo ao mundo. Promulgado pelo papa Francisco, o jubileu tem como tema “Peregrinos de Esperança”, e visa incentivar os fiéis a fortalecerem sua relação com Cristo através da fé e da esperança. Conforme a bula papal “Spes Non Confundit”, o Ano Jubilar é uma oportunidade para que os fiéis se aproximem mais de Jesus, vivendo de forma intensa a misericórdia e a renovação espiritual. Para isso, a fim de favorecer a participação do maior número de fiéis no tesouro da misericórdia de Deus que se expressa também pelas indulgências, Dom Milton Kenan Júnior definiu como igrejas jubilares no bispado de Barretos as paróquias, Catedral do Divino Espírito Santo e o Santuário Nossa Senhora do Rosário em Barretos, o Santuário Diocesano Nossa Senhora Aparecida em Olímpia, a Igreja Matriz de São José em Morro Agudo e a Igreja Matriz de São Miguel Arcanjo em Miguelópolis. Ao longo do ano, a Diocese promoverá uma programação com diversas peregrinações que estão agendadas ao longo do ano para fortalecer esse momento de espiritualidade Compartilhe: A cada 25 anos, a Igreja celebra um ano jubilar desde os fins da Idade Média. Desta forma, no próximo ano estaremos celebrando esse grande momento de fé. Como nasceu a prática do ano jubilar? Como estamos nos preparando para esse ano? A celebração nasceu no meio judaico, conforme ordem dada em Levítico 25, que deveria ocorrer a cada cinquenta ano. O primeiro ano jubilar israelita provavelmente deve ter ocorrido em 1.445 a.C. Na Igreja cristã essa prática foi institucionalizada a partir do ano 1300, com o Papa Bonifácio VIII, que convocou a cristandade para uma peregrinação à Roma e aos lugares santos com a promulgação da indulgência plenária; daí passou a ser a cada cem anos. Posteriormente, ficou definido que o jubileu seria celebrado a cada 33 anos em memória da idade de Cristo como uma peregrinação penitencial. Porém, no ano 1475, ficou definido que essa celebração seria realizada a cada 25 anos. O Papa Francisco em 11 de fevereiro de 2022 publicou uma Carta convocando-nos a “realizar uma preparação que permita ao povo cristão viver o Ano Santo em todo o seu significado pastoral”. Então nos aponta o texto bíblico como guia. O Evangelista Lucas (4, 18-20) nos diz que Jesus foi à cidade de Nazaré onde nascera, num sábado, e entrou na Sinagoga. Então deram-se o livro de Isaías para que fosse lido: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ANO DE GRAÇA DO SENHOR”. Que motivações servem para fortalecer essa peregrinação? O Papa Francisco nos lembra que a pandemia da Covid-19 nos escancarou o drama da morte na solidão, a incerteza e o caráter provisório da existência, com toda a realidade estagnada, igrejas e comércios fechados, espaços vazios. Ao mesmo tempo, vivemos nos dias atuais um clima de política antissocial do desmonte de ações solidárias e políticas públicas, violação dos direitos humanos, uma guerra mundial em pedaços, cumplicidade de amplos setores das Igrejas cristãs e seus pastores com práticas nada evangélicas, destruição da herança judaico-cristã da ideia de um ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, e “graves violações da dignidade humana”, conforme nos diz o Papa na Encíclica Dignitas infinita. Então, nesse contexto até desesperador da vida humana e planetária, há que se “manter acesa a chama da esperança que os foi dada e lutar para que cada um recupere a força e a certeza de olhar para o futuro com espírito aberto, coração confiante e mente clarividente”. O Jubileu deverá favorecer a recomposição de um clima de esperança e confiança. Daí o tema Peregrinos de Esperança. Mas isso somente será possível se recuperarmos o sentido da fraternidade universal, se não fechamos os olhos diante do drama da pobreza crescente, o crescimento de refugiados forçados a abandonar as suas terras. “Que as vozes dos pobres sejam escutadas”. A chama da esperança nos remete para uma dimensão fundamental da vida humana, que nos faz olhar para frente, levantar a cabeça, sentir vontade de viver. Não decorre de uma palestra de motivação aos moldes de autoajuda, uma espécie de anestésico para a vida sofrida. A esperança faz da vida uma obra inacabada e uma tarefa permanente. É aquela força que nos desinstala e nos mobiliza, nos põe a caminho. O que a Igreja nos pede nesse ano de 2024 em termos de preparação para o Jubileu da Esperança? Ela nos pede “uma grande ‘sinfonia’ de oração para recuperar o desejo de estar na presença do Senhor, escutá-Lo e adorá-Lo. Orar também em agradecimento por tantos dons recebidos e ação concreta e responsável para sua salvaguarda. Oração nos moldes de “um só coração e uma só alma” que se traduz em solidariedade e partilha do pão cotidiano. Para que todos os corações se abram para receber a abundância da graça, fazendo do Pai Nosso a oração que Jesus nos ensinou como programa de vida de todos os seus discípulos. A fonte última da esperança é a presença salvífica e recriadora do Espírito de Deus no mundo. Ao mesmo tempo, o Senhor nos pede para sair, ir em missão. Nesse caminho peregrinante da esperança é necessário ousar, arriscar romper muros e fronteiras, inventar novas práticas, abrir-se. A esperança nos implica no cotidiano de fé, que transforma o mundo, que se faz de maneira ativa e criativa e chega até a se tornar resistência nas lutas cotidianas. A superação da mentalidade fatalista e determinista de que nada vai mudar, o conformismo diante da realidade dada, a resignação diante das injustiças e o silêncio, o pragmatismo político fruto de conchavos e negociatas com as elites dominantes em um mundo globalizado, são posturas que não apenas inibem a esperança, mas transformam a fé numa prática ritual e devocional, que nos faz perder a dimensão profética da vida cristã. A esperança nos implica concretamente nas “graves violações da dignidade humana”. Para sermos verdadeiramente peregrinos da esperança é preciso clamar em voz como de trombeta, denunciando ao “meu povo a sua maldade, aos descendentes de Jacó os seus pecados, porque eles pretendem dar uma aparência de piedade, de religiosidade, vindo todos os dias ao templo, mas correm atrás dos próprios desejos e negócios e continuam a oprimir os vossos trabalhadores” (Is 58). Cada um de nós precisa de esperança, pois estamos com nossas vidas tantas vezes cansadas e feridas, corações sedentos de verdade, bondade e beleza. Não queremos escuridão em nossos sonhos. Assim o Papa Francisco nos deseja que esse jubileu faça “a esperança preencher os nossos dias”. Edebrande Cavalieri O que é o Jubileu? O Jubileu é uma celebração religiosa de origem bíblica, descrita no Livro do Levítico, como um ano de graça, reconciliação e renovação. Na Igreja Católica, é marcado por eventos especiais que promovem oração, conversão e indulgências, simbolizando um tempo de esperança e unidade. Desde 1300, Jubileus são proclamados regularmente, em geral a cada 25 anos, como será próximo em 2025, com o tema “Peregrinos de Esperança”, inspirado na necessidade de reacender a fé e a solidariedade em um mundo desafiado por conflitos e crises. Segundo a tradição, cada Jubileu é proclamado através da publicação de uma Bula Papal (ou Bula Pontifícia) de Proclamação. Por “Bula” entende-se um documento oficial, geralmente escrito em latim, com o selo do Papa, cuja forma dá o nome ao documento. A Bula “Spes non confundit”, do Papa Francisco, proclama o Jubileu Ordinário de 2025, com o tema central “A esperança não engana” (Rm 5,5), como um tempo de graça, reconciliação e renovação espiritual. Inspirado na esperança cristã, fundamentada no amor de Deus e sustentada pelo Espírito Santo, o Jubileu busca reacender a fé em um mundo desafiado por conflitos e desigualdades. A celebração incluirá a abertura da Porta Santa, peregrinações, momentos de oração e ações concretas de solidariedade, como apoio a presos, doentes, jovens e marginalizados. Além disso, o Papa convoca a Igreja a ser sinal de esperança, promovendo a paz, a unidade entre cristãos, especialmente na celebração comum da Páscoa, e a justiça social. O Jubileu, marcado por uma profunda espiritualidade, convida os fiéis a renovarem seu compromisso com Deus e com a transformação do mundo em um lugar mais justo e fraterno. Por que Celebrar o jubileu na escola e na universidade católica? Celebrar o Jubileu na educação é fundamental porque reforça o papel transformador do educador como “peregrino de esperança”, alinhando a missão educativa à luz da fé cristã. Inspirado pelo tema “Peregrinos de Esperança”, o Jubileu oferece uma oportunidade de renovar o compromisso com uma educação mais humana e fraterna, promovendo a dignidade, a solidariedade e o cuidado com a vida. Em meio aos desafios do mundo contemporâneo, a celebração reafirma a esperança como virtude essencial na formação de novas gerações, incentivando projetos participativos que envolvam a comunidade escolar na construção de um mundo mais justo e solidário. Ao educar, os profissionais atuam como agentes de transformação, inspirando sonhos e fortalecendo valores que promovem a paz, a justiça e o bem comum. Assim, o Jubileu da Esperança na educação é um convite para que o ato de ensinar seja vivido como um compromisso com a fé, a humanidade e a construção de um futuro melhor. Como celebrar nos ambientes educativos? Celebrar o Jubileu no ambiente educativo é uma oportunidade única para integrar fé, pedagogia e pastoral em ações concretas que fomentem a esperança. As escolas e universidades podem promover projetos que conectem a educação ao cuidado com a vida, a dignidade humana e a transformação social. Entre as possibilidades estão: Projetos pedagógicos e pastorais: Desenvolver iniciativas interdisciplinares que promovam a Ecologia Integral, a ética no uso de tecnologias, o diálogo sobre paciência e reconciliação, e a valorização da solidariedade e da cultura da paz. Reflexões e encontros: Criar espaços para rodas de conversa sobre sofrimento, esperança e vocação, estimulando o acolhimento, a empatia e o aprofundamento espiritual. Atividades comunitárias: Incentivar voluntariado, ações sociais e trabalhos comunitários, destacando exemplos de cuidado com pessoas em vulnerabilidade, migrantes, idosos e enfermos. Celebrações e experiências de fé: Integrar o calendário litúrgico às atividades escolares, promovendo momentos de oração, peregrinações e meditações sobre a vida de Jesus e Maria como modelos de esperança. Engajamento juvenil: Focar no apoio a jovens para a construção de seus projetos de vida, enfrentando temas como a busca pelo efêmero e prevenindo o suicídio. Com criatividade, compromisso e inspiração na mensagem do Jubileu de 2025, os espaços educativos tornam-se locais de renovação espiritual e transformação social, preparando estudantes e educadores para serem agentes de esperança no mundo. As Edições CNBB, a Comissão Episcopal para Cultura e Educação e a ANEC disponibilizam um e-book gratuito para a celebração do jubileu nas escolas e universidades. Acesse aqui. Oração do Jubileu Pai que estás nos céus, a fé que nos deste no teu filho Jesus Cristo, nosso irmão, e a chama de caridade derramada nos nossos corações pelo Espírito Santo despertem em nós a bem-aventurada esperança para a vinda do teu Reino. A tua graça nos transforme em cultivadores diligentes das sementes do Evangelho que fermentem a humanidade e o cosmos, na espera confiante dos novos céus e da nova terra, quando, vencidas as potências do Mal, se manifestar para sempre a tua glória. A graça do Jubileu reavive em nós, Peregrinos de Esperança, o desejo dos bens celestes e derrame sobre o mundo inteiro a alegria e a paz do nosso Redentor. A ti, Deus bendito na eternidade, louvor e glória pelos séculos dos séculos. Amém Hino do Jubileu Texto de Pierangelo Sequeri Texto versão portuguesa: António Cartageno Chama viva da minha esperança, este canto suba para Ti! Seio eterno de infinita vida, no caminho eu confio em Ti! Toda a língua, povo e nação tua luz encontra na Palavra. Os teus filhos, frágeis e dispersos se reúnem no teu Filho amado. Deus nos olha, terno e paciente: nasce a aurora de um futuro novo. Novos Céus, Terra feita nova: passa os muros, ‘Spirito de vida. Ergue os olhos, move-te com o vento, não te atrases: chega Deus, no tempo. Jesus Cristo por ti se fez Homem: aos milhares seguem o Caminho. Materiais e links E-book “Peregrinos da esperança: o jubileu nos ambientes educativos” Site oficial do jubileu Slide pronto – oração do jubileu